

## **A experiência da imigração no Canadá tem lições a dar?\***

Jeffrey G. Reitz, Universidade de Toronto, 25 de Novembro de 2009

A imigração pode ser uma enorme oportunidade económica para os países desenvolvidos, compensando o baixo crescimento demográfico causador da escassez de mão-de-obra, mas traz igualmente problemas de integração de recém-chegados com origens e culturas diversas. As políticas adoptadas têm dado uma atenção crescente aos problemas associados à imigração, abordando nomeadamente a integração económica, social e política dos imigrantes. Ao aflorar estes problemas, os países de imigração tradicional – Estados Unidos, Canadá e Austrália – terão ensinamentos úteis a dar aos países de imigração mais recente? Esses países dispõem de “modelos” para a integração de imigrantes que possam ser considerados como “bem-sucedidos”?

Em meu entender, a resposta é “sim”. Irei concentrar-me no caso do Canadá, que me parece merecer atenção devido à sua experiência relativamente positiva na gestão da imigração e da diversidade durante as últimas décadas. Há quem refira um “modelo canadiano” para a política de imigração que, alegadamente, estará subjacente aos bons resultados alcançados no Canadá. Algumas das concepções específicas das políticas canadianas no que se refere à imigração, incluindo as políticas de selecção,

---

\* Versão revista. Contacto do autor: *Munk Centre for International Studies*, Universidade de Toronto, 1 Devonshire Place, Toronto M5S 3K7 Canadá, [Jeffrey.reitz@utoronto.ca](mailto:Jeffrey.reitz@utoronto.ca)  
[www.utoronto.ca/ethnicstudies](http://www.utoronto.ca/ethnicstudies).

instalação e integração de imigrantes, de multiculturalismo e descentralização ao nível das províncias, merecem a nossa atenção.

No entanto, não irei sugerir que as políticas vigentes no Canadá devam simplesmente ser copiadas. E isto deve-se a, pelo menos, três razões. Em primeiro lugar, o sucesso do Canadá não se deve apenas às políticas adoptadas no país, por muito mérito que tenham; existem outras razões, incluindo certas circunstâncias históricas, institucionais e geográficas próprias do Canadá (Reitz, 2004). Assim, no que se refere às políticas específicas, as lições a retirar devem ser ponderadas à luz de circunstâncias concretas. Cada país apresenta as suas características que o distinguem, e as políticas locais do Canadá poderão ou não conduzir a bons resultados para outros países. Em segundo lugar, as circunstâncias que facilitaram o sucesso do Canadá no passado estão em mutação e têm surgido diversos problemas e desafios novos, que exigem que o país reinvente o seu próprio modelo de políticas. Ao analisarem a experiência canadiana, os restantes países devem ter em conta os recentes problemas que estão a surgir no Canadá. Poderão achar especialmente interessante ponderar sobre o modo como os canadianos respondem às novas realidades e os ensinamentos recolhidos da sua experiência passada.

Em terceiro lugar, e mais importante, sugiro que o ensinamento mais importante a ser retirado do caso canadiano seja obtido a um nível mais abrangente. A experiência canadiana demonstra, em termos gerais, que os esforços para abordar os problemas que acompanham a imigração são mais bem-sucedidos quando se realça o lado positivo da equação: as oportunidades positivas criadas pela imigração. A imigração canadiana trouxe alegadamente importantes benefícios para o país – tal como para

todos os três países de imigração tradicional – não só a nível económico, mas também social e cultural. Estes benefícios são uma importante razão para que esses países sejam nações de sucesso e continuem, de facto, a ser atraentes para as novas gerações de imigrantes. Até certo ponto, penso que pelo menos o sucesso do Canadá e os benefícios dele resultantes decorrem do reconhecimento e da atenção pública à imigração como uma oportunidade positiva. De facto, as tentativas do Canadá para reinventar o seu próprio modelo de política são apoiadas em grande medida pelo forte e contínuo compromisso do país face à imigração e às oportunidades positivas por ela criadas.

### **O modelo de política de imigração vigente no Canadá**

Ao descrever o modelo da política de imigração canadiana, é importante salientar que uma das características mais notáveis do programa de imigração é a sua grande dimensão em relação à população em geral. É justificável usar o termo "imigração em massa" para descrever a política canadiana. Como percentagem da população residente, a imigração canadiana tem sido relativamente numerosa desde há mais de um século, tendo sido prosseguida uma política expansionista, mais ou menos continuamente, desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Durante quase 20 anos, sob diferentes governos tanto Liberais como Conservadores, o Canadá recebeu anualmente 200 000 a 250 000 imigrantes, ou seja, cerca de 0,75% da população (v. Gráfico 1). Assim, o programa canadiano é, por exemplo, cerca de três vezes a dimensão do seu homólogo americano – mesmo incluindo os imigrantes ilegais do México no âmbito do programa americano.

Inserir gráfico 1 aqui

Consequentemente, e apesar de um fenómeno considerável de emigração ou de migração de retorno, o Canadá tem substancialmente mais residentes nascidos no estrangeiro, como percentagem da população, do que os EUA e a maioria dos países da Europa (v. Gráfico 2). A Austrália é uma excepção; no passado, o país estava empenhado na imigração maciça; contudo, desde meados da década de 1990, reduziu consideravelmente os fluxos migratórios.

Inserir gráfico 2 aqui

Quando, na década de 1960, o Canadá levantou as barreiras à imigração no que se refere ao país de origem, os imigrantes passaram a ser provenientes de países não situados na Europa (v. Gráfico 3). O impacto da mudança para origens não europeias é bem conhecido em Toronto, Montreal e Vancouver. Estas cidades passaram de uma situação em que tinham populações quase integralmente de origens europeias em 1970 para vastas minorias não europeias hoje em dia, com tendência para se tornarem uma maioria nos próximos 10 a 12 anos. (v. Gráfico 4).

Inserir gráfico 3 aqui

Inserir gráfico 4 aqui

A imigração canadiana tem sido indiscutivelmente bem-sucedida em termos económicos e sociais. O nível de qualificações académicas dos imigrantes é elevado, traduzindo-se num grau considerável de êxito em matéria de emprego, e a celebração nacional da diversidade cultural parece indicar uma integração social suave das minorias em comunidades distintas e na sociedade em geral. O programa é igualmente bem-sucedido em termos políticos e este poderá ser o indicador de sucesso mais importante. Há uma

aceitação e um apoio relativamente amplos à política de imigração no Canadá e o país não deu início a um debate aceso sobre estas questões, como sucedeu noutros países. As sondagens da opinião pública demonstram que, durante as últimas décadas, em todos os anos excepto um (1982, um ano de recessão), a maioria da população apoiou o volume da imigração ou queria vê-lo aumentado (Gráfico 5). Na maioria dos países, o inverso é verdade: há menos imigração, e uma maioria quer ainda mais reduções. Mais revelador ainda, são raros os debates sobre imigração durante as campanhas eleitorais canadianas. Todos os partidos políticos canadianos apoiam políticas pró-imigração; o público raramente lhes pede que defendam as suas políticas. A palavra “imigração” é raramente, ou nunca, referida nos debates televisivos dos líderes a nível nacional. Pôde-se verificar isso nas eleições mais recentes (Outubro de 2008), apesar de terem sido introduzidas mudanças significativas nas políticas adoptadas.

Inserir gráfico 5 aqui

Internacionalmente, o sucesso canadiano tem sido notado e, como mencionado anteriormente, são feitas referências frequentes a um "modelo canadiano" de política de imigração e de integração de imigrantes. Subjacente ao sucesso canadiano está o modelo de políticas do país. Mas em que consiste esse modelo? Mencionei três pilares da política canadiana que contribuem para o êxito da imigração: a política de selecção de imigrantes, a política de integração de imigrantes e a descentralização provincial.

Em relação à selecção de imigrantes, a característica melhor conhecida é o critério de selecção baseado nas aptidões, o chamado “sistema de pontos” para seleccionar imigrantes qualificados.

Em relação à política de integração, a faceta melhor conhecida é a política oficial de “multiculturalismo” do país, lançada em 1971 (e consagrada na Constituição em 1982, com um novo mandato legislativo em 1988), com variantes, de novo, no caso do Quebeque. Contudo, há um grande número de programas que se destinam a incentivar a instalação e efectiva integração nas comunidades locais, incluindo o ensino de línguas, o acesso rápido à cidadania, um conjunto de direitos humanos e de garantias de igualdade, e esforços para promover uma melhor utilização das competências dos imigrantes e o reconhecimento das qualificações adquiridas no estrangeiro face ao mercado de trabalho canadiano.

### **O sistema de pontos para a selecção de imigrantes**

O sistema de pontos tem sido eficaz no reforço do potencial de empregabilidade dos imigrantes no Canadá, e este tem sido um benefício significativo para o país. Implementado em 1967, o sistema selecciona os imigrantes com base nas habilitações, no conhecimento de uma das duas línguas oficiais, na experiência de trabalho anterior e noutros elementos de previsão do êxito futuro da situação laboral. O sistema foi essencialmente copiado pela Austrália, e tem havido defensores influentes da sua adopção noutros países. O sistema de pontos no caso canadiano serve como meio para garantir que grandes números de imigrantes tenham qualificações mínimas para sobreviver numa economia moderna. Para o Canadá, com o seu objectivo da imigração em massa, o sistema de pontos corresponde ao desejo de fazer com que a imigração a grande escala contribua para o desenvolvimento da economia canadiana. Em poucas palavras, são

necessários trabalhadores qualificados para o tipo de economia do conhecimento que o Canadá procura desenvolver.

Do ponto de vista da percepção pública, este sistema de selecção traduz-se directamente numa das razões básicas pelas quais os canadianos apoiam tão veementemente a imigração, nomeadamente a crença de que a imigração contribui para o desenvolvimento económico. A este argumento, os dirigentes nacionais acrescentam outras razões. Há uma certa retórica sobre a edificação da nação e sobre a vulnerabilidade do Canadá enquanto país pequeno com uma baixa taxa de fertilidade e localizado junto a uma superpotência mundial. Há quem diga que é a imigração que sustenta o estatuto do Canadá enquanto país multicultural, um aspecto que enche de orgulho o país e que possivelmente o distingue dos seus vizinhos a sul. Muitas pessoas no Canadá acreditam que a imigração ajuda a combater o envelhecimento da população; de um modo geral, os demógrafos não apoiam este ponto de vista, o que significa que o entusiasmo canadiano pela imigração ignora por vezes a opinião especializada.

Em anos recentes, a população tem-se concentrado nos benefícios económicos imediatos da imigração. Este é um segundo exemplo em que o entusiasmo canadiano pela imigração tem ignorado o parecer dos peritos, dado que os economistas no Canadá (tal como noutros países) não demonstraram a tendência para ver na imigração um benefício económico significativo. Há um consenso na economia de que a imigração ajuda a fomentar o crescimento económico, mas apenas em pequeno grau (*Economic Council of Canada* 1991, Borjas 1999). Contudo, os órgãos de decisão política do Canadá – e o público em geral – têm ignorado este facto. Apoiam a imigração como um benefício para a economia, não só a fim de superar a

escassez de mão-de-obra, mas também como fonte de estímulo económico. Acreditam que os imigrantes sustentam a economia ao trazerem uma maior dimensão, novas ideias, potencial de criatividade, consciência internacional e ligações essenciais numa economia global. Mais do que ouvir os economistas, preferem as opiniões do geógrafo americano Richard Florida (2002). Florida – ele próprio actualmente imigrante no Canadá – salienta a função económica do que denomina como ‘classe criativa’ – sendo os imigrantes um elemento importante dessa classe.

Como testemunho da percepção canadiana da imigração enquanto grande motor de desenvolvimento económico, poderemos reparar que certas regiões do país que não são actualmente as principais zonas de instalação de imigrantes – outras cidades para além de Toronto, Vancouver ou Montreal – esperam poder vir a atrair imigrantes. Não é de surpreender que essas regiões incluam Alberta, província em que, durante o *boom* económico, a indústria petrolífera gerou uma procura insaciável de todo o tipo de trabalhadores. Já menos óbvia é a procura de imigrantes pelo Canadá Atlântico, onde existem relativamente poucos empregos e os imigrantes são procurados como forma de os criar.

O sistema de pontos, centrado na empregabilidade, contribui para esta percepção da imigração como fonte de desenvolvimento económico. No entanto, também possui um aspecto negativo, que resulta directamente dos grandes números de trabalhadores procurados. Estes grandes objectivos de absorção de trabalhadores significam padrões de selecção mais baixos, criando a necessidade de compromissos e de contrapartidas. Com efeito, a ideia essencial do sistema de pontos é reduzir essas contrapartidas a uma fórmula simples. A maior pontuação é atribuída a habilitações elevadas mas



que não correspondem a um curso universitário; poderão ser obtidos pontos suficientes para admissão através de outros indicadores de empregabilidade, como a promessa de emprego ou a relativa juventude do candidato. Embora a maioria dos agentes de imigração pretendam imigrantes com um curso universitário de quatro anos, devido ao grande número de imigrantes procurados e admitidos, mais de 20 % dos imigrantes seleccionados pelo sistema de pontos em 2005 não tinham cursos universitários.

Se um país desejar admitir menos imigrantes qualificados, o melhor será seguir o modelo dos Estados Unidos, que recorrem a um método de nomeação de empregadores com certificação governamental desse tipo de necessidade. A Austrália optou também pela nomeação de empregadores, bem como números gerais mais baixos. Alguns países que estão a adoptar o “sistema de pontos”, como o Reino Unido, recorrem à marca canadiana, mas não à política canadiana, na medida em que não procuram uma imigração em massa.

## **O multiculturalismo**

A política de multiculturalismo tem sido apontada como parcialmente responsável pelo sucesso da experiência canadiana. Também ela foi exportada, nomeadamente para a Austrália e a Europa. De acordo com um sociólogo dos Estados Unidos, Nathan Glazer (1997): “Hoje em dia, todos somos multiculturalistas.” Nos Estados Unidos, Glazer descreve uma variante específica do multiculturalismo que não só reconhece as culturas minoritárias mas procura também promover o relativismo cultural e deslocar os valores dominantes, um tema que percorre os escritos de muitos autores americanos críticos do multiculturalismo (Schlesinger, 1992; Barry, 2001; e

Huntington, 2004; entre outros). Na Europa, houve um recuo do multiculturalismo, em parte devido a problemas na integração dos muçulmanos e à questão do terrorismo. O multiculturalismo tem sido criticado por promover o relativismo cultural radical, de tal forma que se o multiculturalismo for aplicado, os valores essenciais da democracia e da cultura ocidental serão desrespeitados, comprometidos e desvalorizados, incluindo os princípios da liberdade de expressão e da igualdade entre homens e mulheres. Amartya Sen (2006a, b; cf. Kelly, 2002) entende o multiculturalismo como uma importação canadiana que promove o relativismo cultural ou então, pelo menos, uma forma de isolamento cultural a que chama “monoculturalismo plural.”

Mas nada disto é realmente o multiculturalismo canadiano. A política canadiana formulada pela primeira vez por Pierre Trudeau, em 1971, equacionava o multiculturalismo com a liberdade cultural mas, simultaneamente, indicava quatro “fundamentos” específicos que realçavam a ligação dos grupos minoritários ao conjunto da população: 1) contribuição para a situação do Canadá; 2) participação plena nas instituições canadianas; 3) intercâmbio entre grupos no interesse da unidade nacional; e 4) aquisição de uma língua oficial. Isto torna bem claro que o multiculturalismo canadiano não é equivalente ao relativismo cultural nem à descentralização cultural e, muito menos, à deslocação dos valores dominantes. Há pouco no discurso canadiano que suscite esse tipo de interpretações.

Evidentemente, há variantes no conceito canadiano de multiculturalismo. O filósofo canadiano Will Kymlicka, que se destaca entre os que reclamam o sucesso do multiculturalismo, identifica como parte do fenómeno, não só o reconhecimento das minorias culturais, mas uma

variedade de outras políticas, incluindo a acção afirmativa no emprego e as medidas de protecção das minorias em relação ao assédio, incluindo a violência física e verbal. Estas políticas podem ser coerentes com a lista de Trudeau, que realça a igualdade de participação nas instituições da sociedade em geral, mas a lista é um pouco arbitrária e os canadianos estão longe de estar unidos em torno desse objectivos. Em especial, a acção afirmativa, que tem sido rejeitada como política de emprego em todas as províncias do Canadá sem que alguém sugerisse que o multiculturalismo tivesse sido abandonado. Paralelamente, a lista de Trudeau inclui muitas políticas que, sem o empenho nos direitos dos grupos, podem ter a aparência de assimilacionismo – como a promoção da aquisição de línguas oficiais pelas minorias.

O argumento de Kymlicka de que o multiculturalismo funciona no Canadá baseia-se numa lógica de causa-efeito que está longe de ser impermeável. Por muito que os imigrantes estejam melhor integrados no Canadá desde 1971, o que também não é perfeitamente claro, esse facto deve-se a inúmeras razões – incluindo o sistema de selecção de imigrantes, que garante níveis relativamente altos de habilitações e um elevado sucesso económico. E se centrarmos a nossa atenção nos imigrantes a níveis comparáveis de habilitações, os que estão no Canadá não estão melhor integrados do que os seus homólogos nos EUA, onde não existe um multiculturalismo oficial. Se é certo que, em resultado da política canadiana, quando comparada com a atitude de *laissez-faire* dos EUA, existem diferenças entre os dois países na formação de comunidades étnicas imigrantes no que se refere à manutenção de uma cultura distinta ou à sua persistência ao longo do tempo, ou mesmo no seu grau de aceitação pela

sociedade instituída, essas diferenças não são drásticas. De facto, a investigação comparada entre esses países demonstra poucas diferenças (Reitz e Breton, 1994). Além disso, estarão os canadianos mais empenhados na ideia de que os imigrantes devem ser incentivados a manter culturas distintas? Não de acordo com os dados da opinião política que demonstram que os americanos são, de alguma forma, mais favoráveis a esta ideia, sobretudo os que têm uma perspectiva mais individualista.

Sintomaticamente, os canadianos que apoiam o multiculturalismo estão frequentemente mais interessados em afirmar uma diferença canadiana face aos Estados Unidos, o que sugere que o multiculturalismo é reforçado tanto pelo nacionalismo, como pela tolerância cultural.

Apesar da aprovação generalizada do multiculturalismo, esta política enfrenta críticas no Canadá. Há quem diga que o multiculturalismo reforça a falta de uma identidade canadiana distinta (Granatstein, 2007, pp. 90-100); outros alegam que perpetua a marginalidade e a desigualdade. Mas essas críticas também não possuem fundamentos. Com efeito, a maior parte das avaliações do multiculturalismo, quer sejam positivas ou negativas, carecem de um apoio empírico convincente. Eventualmente, os elementos existentes sugerem que as políticas oficiais têm pouco impacto efectivo – nada surpreendente quando se considera que o orçamento do programa se situa nas proximidades de apenas 21 milhões de dólares por ano.

### **Problemas emergentes da imigração canadiana**

Analisando estes dois pilares do modelo das políticas canadianas - o sistema de pontos e a integração, incluindo a vertente do multiculturalismo - poderemos verificar que o seu impacto é incerto e limitado. As políticas

implementadas são limitadas naquilo que podem concretizar – o sistema de pontos devido ao carácter maciço da imigração canadiana, o multiculturalismo por ser sobretudo simbólico.

Tal como sugerido no início, o êxito da imigração canadiana deve-se também a uma variedade de circunstâncias para além destas políticas bem conhecidas. A geografia faz parte do contexto. O isolamento geográfico do Canadá em relação aos outros países, excepto os Estados Unidos, limitou a imigração ilegal e tornou a imigração legal mais atraente. Isto foi importante para apoiar a percepção política da imigração canadiana como sendo controlada no interesse nacional. Mas existem outros factores arraigados no sistema institucional canadiano, incluindo os mercados de trabalho canadianos e as instituições relacionadas, como o sistema de ensino. Este foi um dos aspectos centrais abordados no meu livro *Warmth of the Welcome* (Um acolhimento caloroso), que salientava estes factores, mais do que qualquer modelo de política de imigração específico. Além disso, no que se refere a estas instituições, estão em curso determinadas mudanças, produzindo alterações simultâneas na imigração canadiana. Estas alterações, que poderão resumir-se sob o título “globalização”, estão a criar dificuldades significativas na imigração canadiana.

Se a mudança de circunstâncias afecta a imigração canadiana e ameaça o êxito do “modelo canadiano” no Canadá, precisamos de analisar as implicações para o Canadá e outros países face à adopção do modelo canadiano. Mencionarei dois problemas. Em primeiro lugar, a selecção baseada nas habilitações não impediu um declínio significativo no desempenho dos imigrantes no mercado de trabalho e o correspondente aumento da pobreza entre os imigrantes. Em segundo lugar, o aumento da

desigualdade racial é hoje evidente, tornando claro que, apesar do seu mérito e popularidade, o multiculturalismo e outras políticas análogas não conseguiram, por si só, resolver o estatuto ambíguo das minorias raciais no Canadá.

### **Declínio do sucesso laboral para os imigrantes no Canadá**

O reconhecimento dos problemas ao nível do emprego tem sido lento, dado que as tendências gerais ao longo de várias décadas foram encobertas por altos e baixos no ciclo comercial. Contudo, o censo de 2001 demonstrou um sério problema, e Frenette e Morissette (2003) documentaram a existência de um declínio significativo nos rendimentos de coortes sucessivas de novos imigrantes desde a década de 1970 – quase todo o período em que vigorou o sistema de pontos (Gráfico 6).

Inserir gráfico 6 aqui

Os dados de 2001 sugerem que a selecção baseada em pontos já não assegura a empregabilidade dos imigrantes. Este facto é intrigante para muitos autores, na medida em que se esperava que a actualização substancial das políticas de selecção ao longo das décadas de 1980 e 1990 fosse susceptível de prevenir o declínio do sucesso laboral entre os imigrantes. As alterações introduzidas no sistema de pontos e a mudança para mais imigrantes seleccionados por pontos causaram aumentos significativos nos resultados académicos dos imigrantes; em 2000, 45 % dos imigrantes admitidos possuíam cursos universitários. Contudo, havia ainda um declínio na situação laboral.

Entre as causas desta tendência, têm sido citados como relevantes os seguintes factores: menores oportunidades de emprego para todos aqueles

que entram no mercado de trabalho; uma mudança nas origens dos imigrantes (ocorrida na década de 1970 e no início da década de 1980, pelo que não seria significativa para as mudanças mais recentes); uma mudança para a “economia do conhecimento” e maior credencialismo, com implicações para a possibilidade de transferência das aptidões dos imigrantes; a diminuição dos casos de retorno à experiência do mercado de trabalho estrangeiro para os imigrantes; e uma maior desigualdade global no mercado de trabalho. Os dados registados apoiam algumas explicações mais do que outras, mas a maioria aponta as bases institucionais mais amplas como causas e, na maioria dos casos, não conduzem a soluções baseadas na elaboração ou “afinação” do modelo existente de selecção de imigrantes.

Algumas respostas iniciais das políticas adoptadas face aos fracos resultados em matéria de emprego dos imigrantes têm-se registado ao nível das reformas no mercado de trabalho. Foi feito um esforço para fomentar o reconhecimento e a utilização das habilitações obtidas no estrangeiro na economia canadiana. Estas medidas incluem: incentivar as agências de acreditação profissional a remover as barreiras burocráticas à aceitação das qualificações estrangeiras, proporcionar programas de formação para a equiparação das aptidões adquiridas no estrangeiro e outros programas. Estes programas podem ou não funcionar. Em anos recentes, houve um afastamento da selecção baseada nas habilitações para se conceder maior relevo à obtenção de empregadores como critério de selecção, um afastamento significativo do modelo canadiano vigente, com consequências desconhecidas para a integração a longo prazo dos imigrantes.

Se o problema crescente da pobreza dos imigrantes é uma consequência da “economia do conhecimento” emergente no Canadá, poderá

prever-se o aparecimento de problemas semelhantes também noutros países. Eles existem certamente nos Estados Unidos; os imigrantes qualificados nesse país têm rendimentos relativamente inferiores aos obtidos no Canadá, e os seus salários estão em declínio. Ouve-se muito menos sobre isto nos EUA porque a atenção nesse país se concentra compreensivelmente em problemas maiores junto à fronteira mexicana.

### **As tensões raciais e o afastamento do multiculturalismo**

No que diz respeito às relações raciais no Canadá, apesar do multiculturalismo, existem preocupações constantes com o racismo e o tratamento discriminatório em domínios essenciais, como o emprego, a habitação e o policiamento. Embora seja tratado como uma questão marginal pelos políticos, o impacto do racismo tem sido debatido pelos investigadores e os relatos de casos de discriminação são comuns nas comunidades africana e asiática no Canadá. Existe, efectivamente, uma discordância em torno da discriminação racial no Canadá.

As minorias raciais no Canadá têm os rendimentos individuais e familiares mais baixos. Não é de surpreender que a situação da diminuição do emprego para os imigrantes afecte as minorias raciais mais intensamente do que outros grupos, nem que exista maior pobreza nas minorias raciais no Canadá. Existem outras preocupações crescentes em torno do problema, como por exemplo, a questão da violência em grupo relacionada com o uso de armas em alguns sectores da comunidade negra, sobretudo em Toronto. Um relatório especializado intitulado *The Roots of Youth Violence* (As raízes da violência juvenil – McMurtry e Curling, 2008), publicado no ano passado pelo governo de Ontário, demonstrou estes problemas e justificou-os com



base no racismo, na pobreza, no isolamento face à comunidade e noutras características interligadas da sociedade canadiana.

A ideia de que o multiculturalismo poderá não ser a resposta para todos os problemas das relações entre grupos não é novidade na Europa. Evidentemente, muitas das preocupações recentes estão relacionadas com questões de segurança no contexto mundial pós-11 de Setembro mas para muitos, incluindo o Canadá, as questões mais importantes são as relações raciais a nível nacional. No Canadá, há quem faça referência à marginalidade das minorias, à desigualdade e à pobreza, bem como aos problemas sociais emergentes nalgumas comunidades minoritárias, observando que estes fenómenos acontecem apesar do multiculturalismo. Essa preocupação tem sido expressa à Esquerda, por defensores dos direitos das minorias (Lewis, 1992; Omidvar e Richmond, 2003) e, à Direita, por partidários de reduções na imigração para o Canadá (por ex. Stoffman, 2002).

Uma fonte de dados importante para estas preocupações foi a realização de um “Inquérito sobre a Diversidade Étnica” abrangente, conduzido pelo Serviço de Estatística canadiano em 2002, que abrangeu a realização de mais de 40 000 entrevistas. O nosso recente livro baseado nesses dados (Reitz, 2009) demonstra que, embora a situação económica das minorias imigrantes vá melhorando ao longo do tempo, já no que se refere à integração social as minorias visíveis estão menos bem integradas na sociedade canadiana do que os seus homólogos brancos. Além disso, as diferenças raciais aumentam ao longo do tempo, adquirindo maior experiência no Canadá. Um aspecto talvez surpreendente, é que o fosso racial é maior para os filhos dos imigrantes – os que nasceram no Canadá – do que para os seus pais. Este

factor é verdade, apesar dos bons níveis em matéria de ensino e de emprego registados na segunda geração. As tendências no caso da segunda geração são mais pronunciadas para os negros, mas prevalecem entre todas as minorias raciais (ver Gráfico 7). Em certa medida, o recuo para enclaves étnicos proporciona um refúgio em relação ao estatuto de minoria, mas embora tenha vantagens psicológicas e melhore a qualidade de vida, isola os canadianos uns dos outros e reduz o sentimento de confiança.

Inserir gráfico 7 aqui

Um artigo que irá aparecer no próximo mês no IMR demonstra que os problemas de minorias religiosas como os muçulmanos, siques, budistas e hindus se relacionam mais com o estatuto de minoria racial do que com as crenças religiosas.

Seja qual for o impacto de políticas como o multiculturalismo na preparação da integração social dos imigrantes, parecem ter funcionado menos bem para as minorias raciais do que para os grupos de imigrantes brancos.

### **Que lições retiramos do modelo das políticas aplicadas no Canadá?**

Em suma, penso que as políticas canadianas são parcialmente – mas apenas parcialmente – responsáveis pelo sucesso do país e, sejam quais forem os seus benefícios, penso que essas políticas não devem ser simplesmente copiadas. As políticas devem ser adaptadas às circunstâncias específicas de cada país. Com efeito, os canadianos precisam actualmente de reinventar as suas próprias políticas à luz das circunstâncias em mutação que o Canadá enfrenta, e estão a fazê-lo.

Em primeiro lugar, a experiência canadiana sugere que a imigração selectiva com base nas habilitações pode ser eficaz na promoção da integração económica dos imigrantes, com a reserva de que as habilitações adquiridas no estrangeiro devem ser equiparáveis. Infelizmente, numa economia do conhecimento, isso não é automático.

Em segundo lugar, o apoio à integração de imigrantes, numa perspectiva assimilacionista tradicional, incluindo o ensino de línguas e o apoio na obtenção de emprego e na equivalência dos diplomas, é um elemento importante da política canadiana que merece a atenção de outros países.

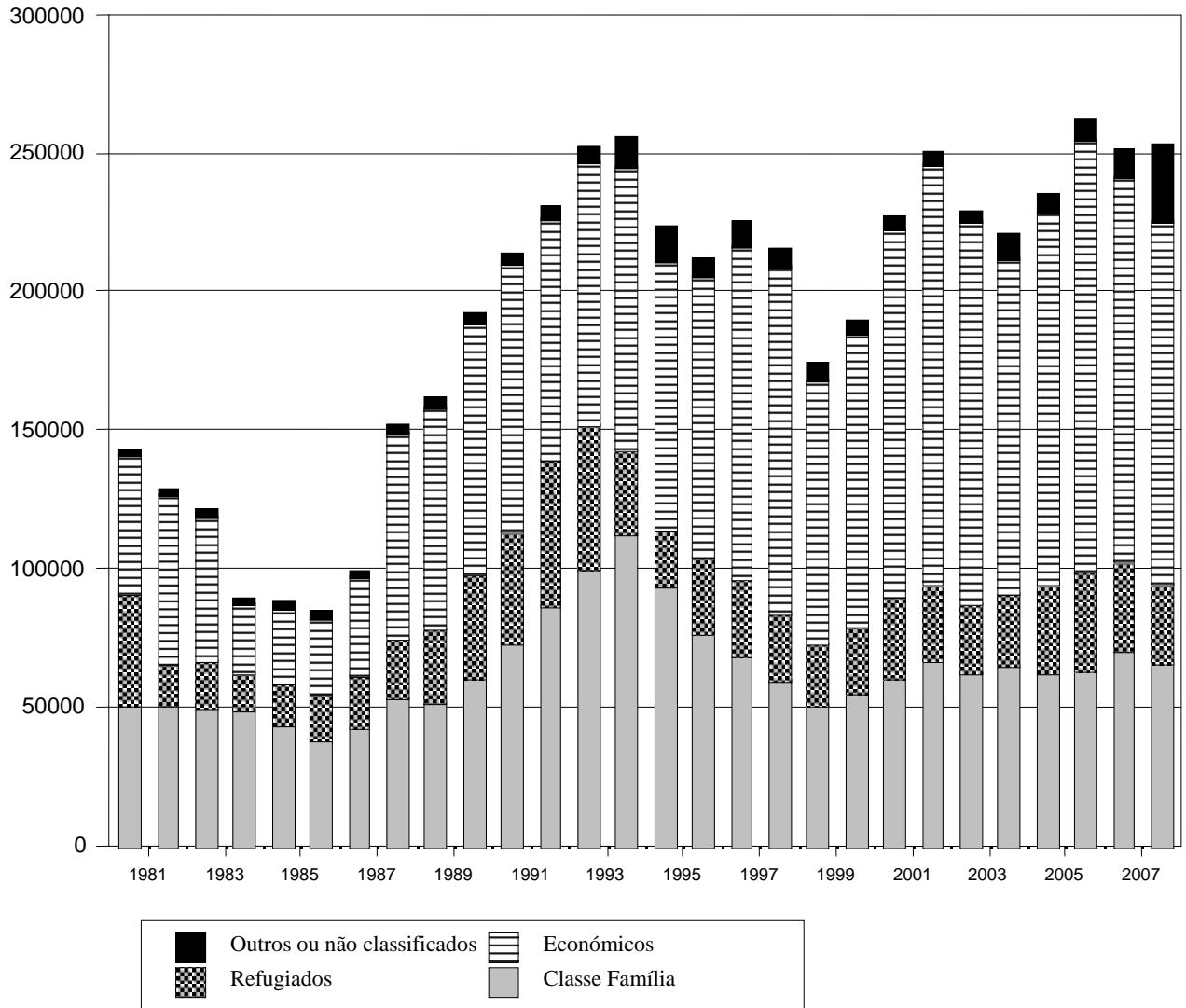
Em terceiro lugar, os outros países devem ter em atenção que a integração económica não garante a integração social. No Canadá, deve ser dada uma maior atenção às percepções do tratamento discriminatório das minorias. As abordagens actuais do multiculturalismo são insuficientes para fazer frente ao problema, mas os canadianos poderão considerar que as novas políticas destinadas a superar o isolamento das comunidades minoritárias poderão ser bastante coerentes com o multiculturalismo canadiano.

Em meu entender, o que ajuda o Canadá nesta questão da análise e inovação de políticas, como referi no início, é o que melhor caracteriza a imigração canadiana: o empenho nacional no próprio projecto da imigração – o facto de os canadianos quererem a imigração e os imigrantes. Os êxitos das políticas passadas têm-se baseado neste recurso político, e o sucesso futuro na abordagem dos problemas actuais não será possível sem esse recurso. O êxito dos esforços do Canadá para fazer face aos problemas emergentes depende do empenho dos canadianos em encontrar soluções

positivas. A imigração pode ser uma grande vantagem, desde que a população esteja convencida de que ela é necessária e positiva, e permaneça empenhada em encontrar soluções para os problemas emergentes.

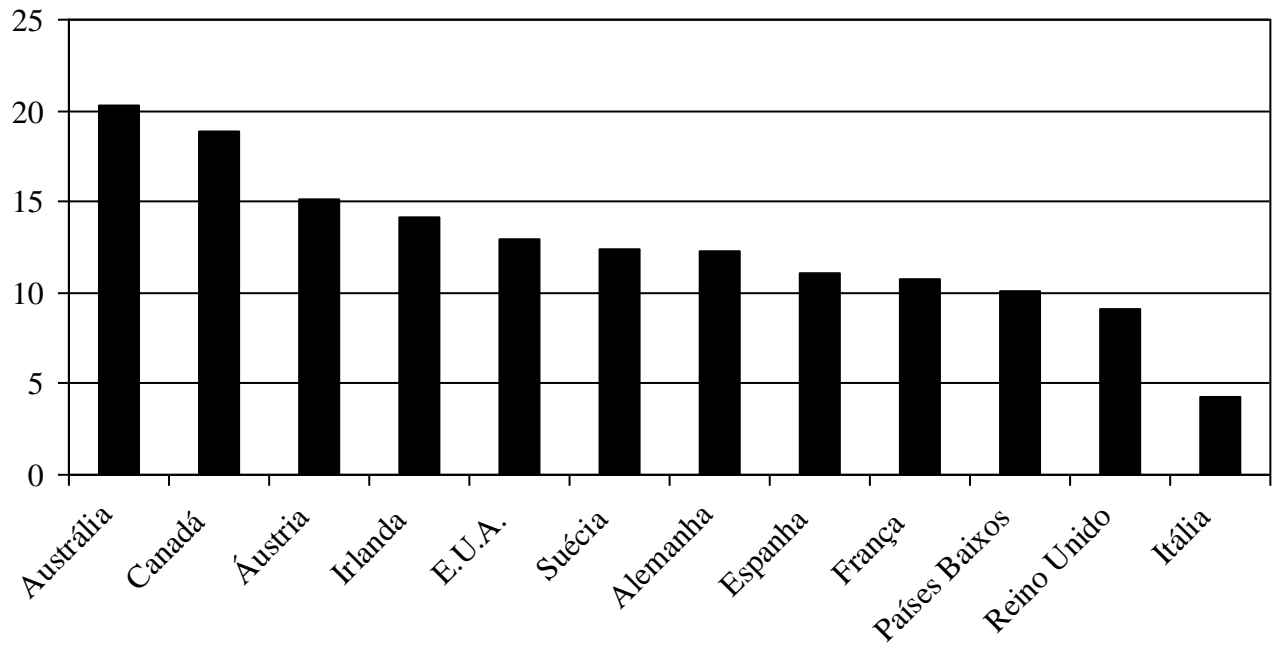
Assim, para os outros países, analisar as políticas canadianas como uma selecção baseada em pontos e no multiculturalismo sem reconhecer e abordar a questão mais vasta do apoio à imigração, seria perder o essencial do modelo canadiano de imigração.

Gráfico 1. Números de imigrantes para o Canadá, 1980-2007 por categoria de admissão



Fonte: Citizenship and Immigration Canada

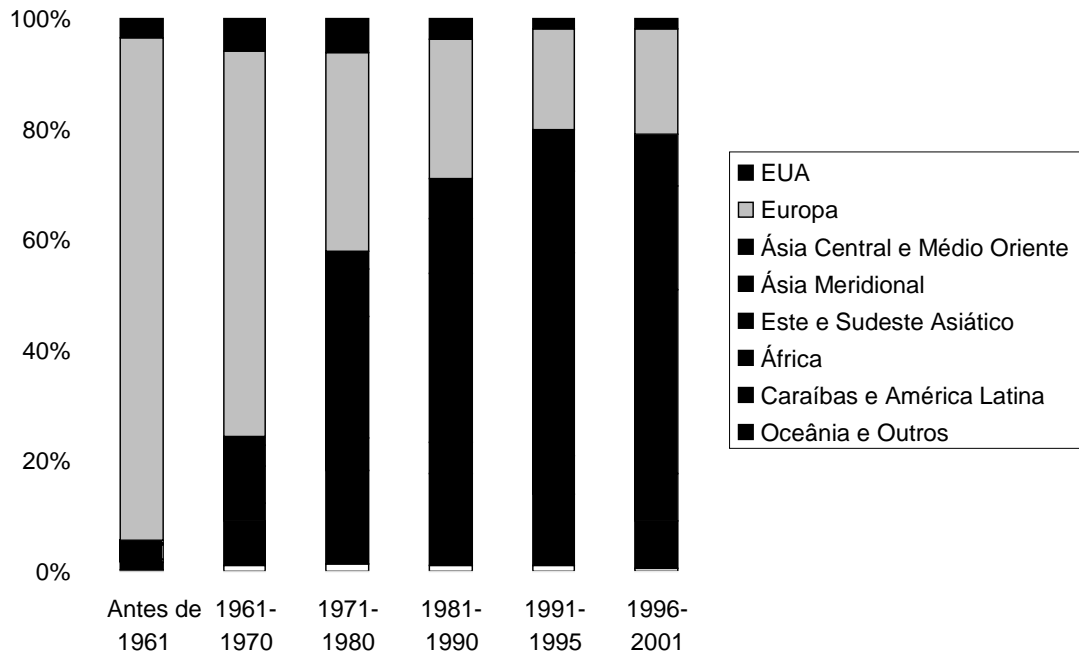
Gráfico 2. Países de imigração: Percentagem de pessoas nascidas no estrangeiro, 2005.



Fonte: Nações Unidas, Migração Internacional 2006.

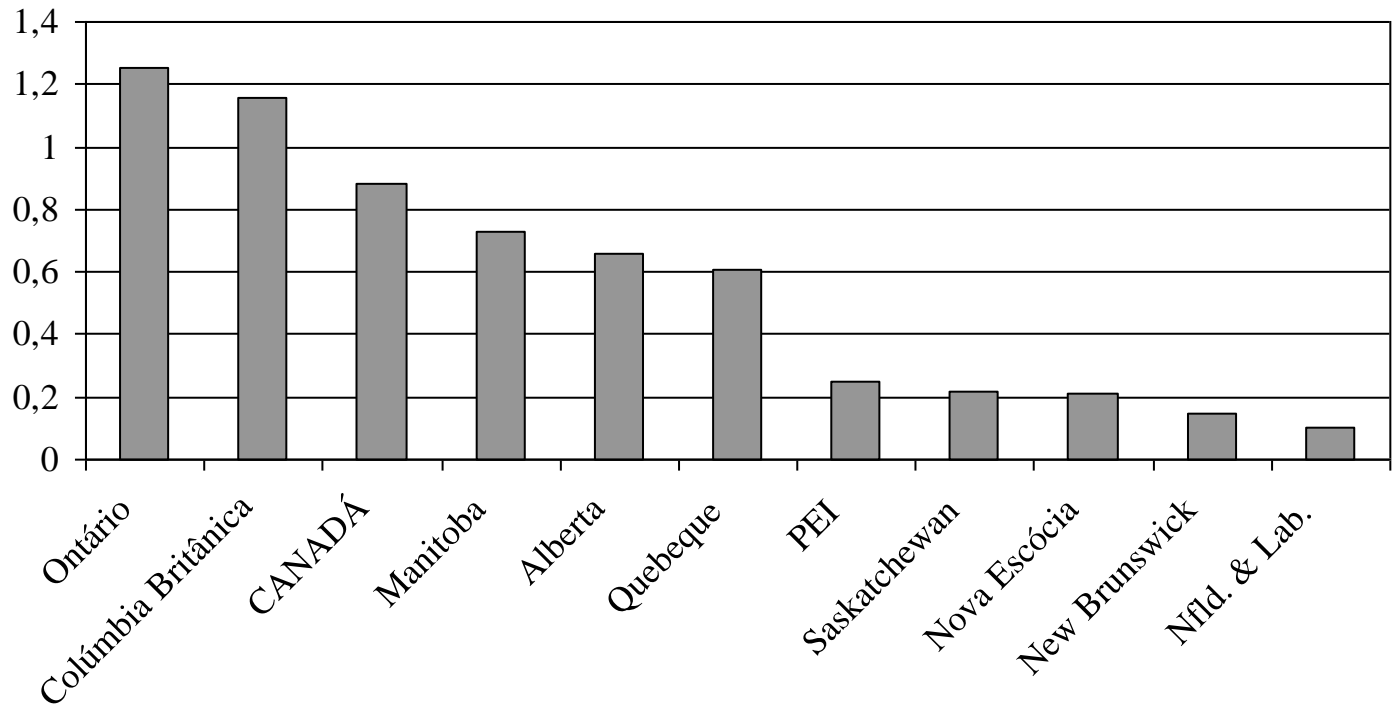


Gráfico 3. Local de nascimento de imigrantes por período de chegada, Canadá 2001.



Fonte: Statistics Canada, Censos do Canadá.

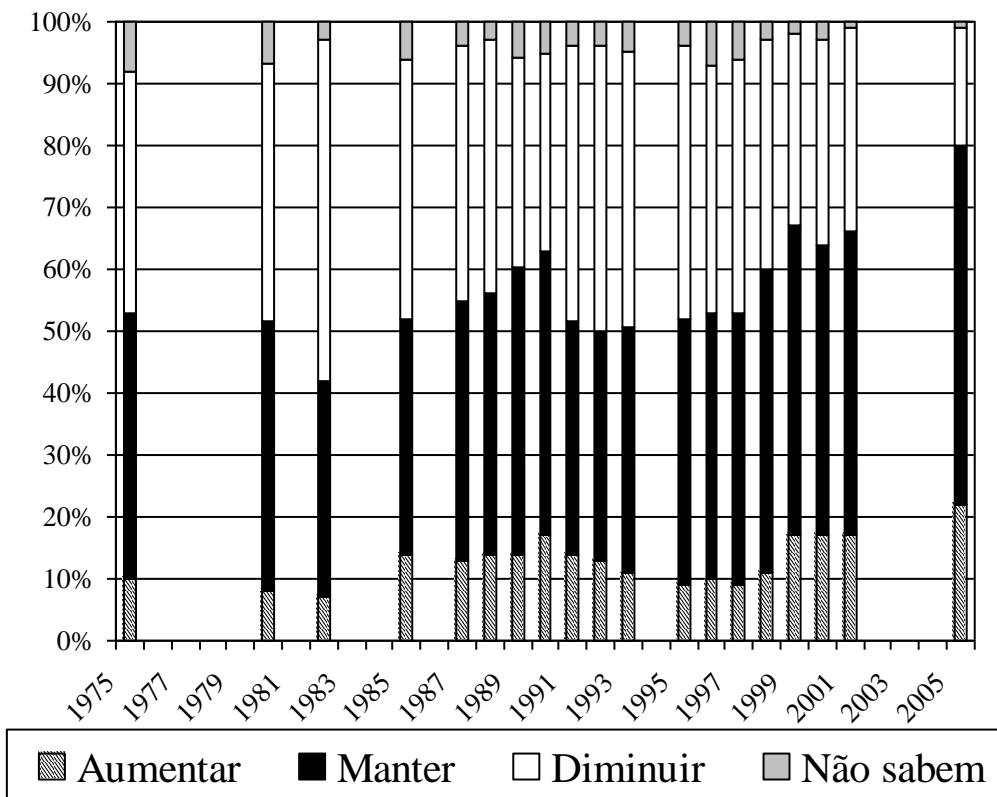
Gráfico 4. Imigração em 2005 em proporção da população em 2001; Canadá e Províncias.



Fonte: *Citizenship and Immigration Canada*, Statistics Canada.

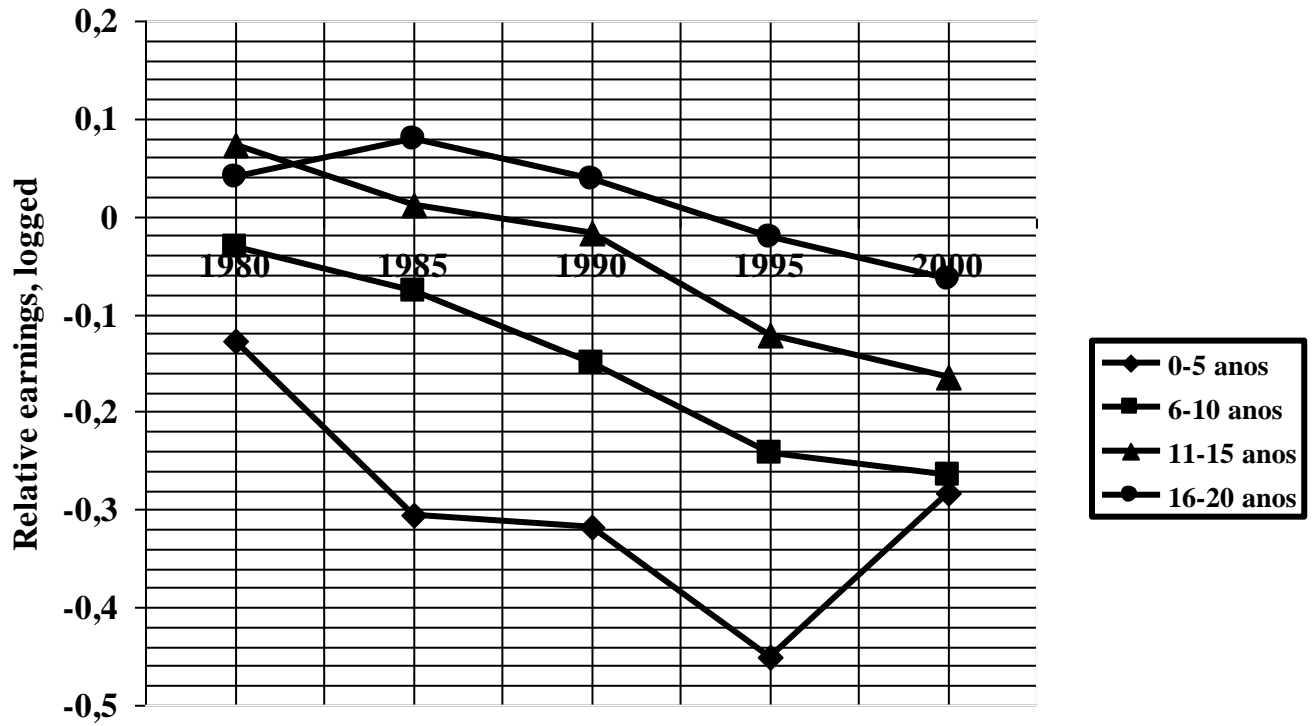
Gráfico 5. Opinião pública canadiana sobre os níveis de imigração.

“Se fosse actualmente responsável por planear uma política de imigração para o Canadá, estaria inclinado(a) a aumentar a imigração, a diminuir a imigração ou a manter o número de imigrantes aproximadamente ao seu nível actual?”



Fonte: Gallup Canada, Inc.

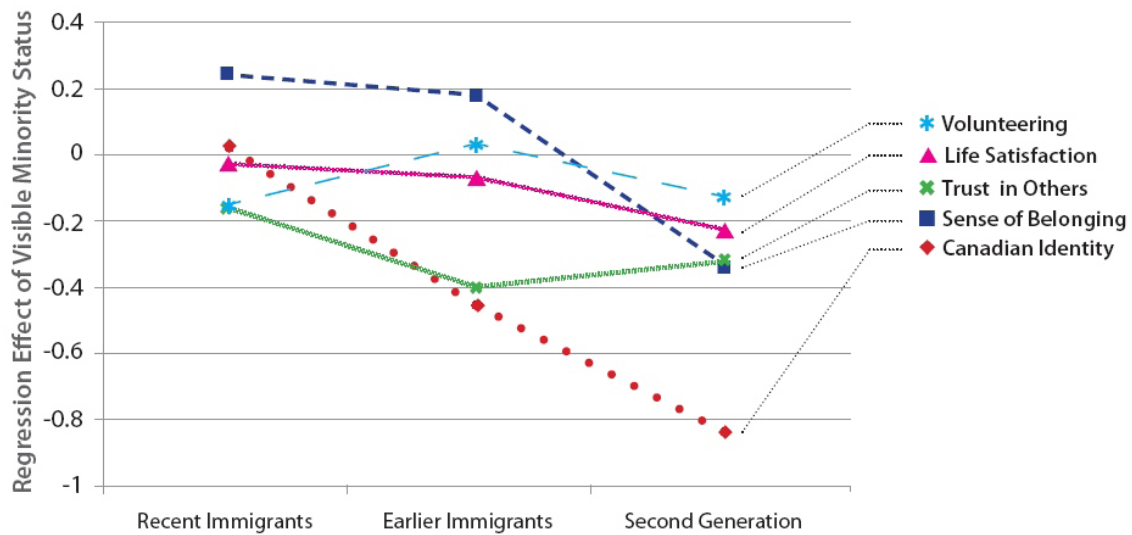
Gráfico 6. Tendências dos rendimentos dos imigrantes do sexo masculino no Canadá.



Fonte: Frenette e Morissette, 2003.



Gráfico 7. Efeito de regressão do estatuto minoritário visível em indicadores seleccionados de integração social, por geração e (para os imigrantes) por período de imigração.



Os efeitos de regressão incluem o controlo estatístico por idade e (para os imigrantes) os anos decorridos desde a imigração. Os efeitos para a identidade canadiana, a confiança nos outros e o voluntariado baseiam-se na regressão logística e são representados como rácios de probabilidades; os efeitos de regressão face ao sentimento de pertença e à satisfação com a vida são coeficientes OLS normalizados.

Fonte: Statistics Canada, 2002. Inquérito à Diversidade Étnica.4